

EDITORIAL

DOIS ANOS DE MIX SUSTENTÁVEL

Essa edição da Mix Sustentável é especial. Duplamente especial! Primeiro porque traz versões atualizadas dos melhores artigos originalmente apresentados no SBDS (Simpósio Brasileiro de Design Sustentável) e ISSD (International Symposium on Sustainable Design). Segundo porque esta é a primeira edição bilingue (português e inglês) de nosso periódico. Este novo formato, com objetivos de internacionalização, pretendemos levar adiante com regularidade.

A comunidade científica lida continuamente com a estatística. Na sustentabilidade não é diferente e seus estudos tem subsidiado o surgimento de uma nova ciência – a ciência da sustentabilidade, que também deve considerar as questões qualitativas. Quase todo dia, se nos mantivermos atualizados, novos dados são divulgados sobre questões que nos impactam profundamente, seja como pesquisadores, seja como cidadãos do planeta Terra. Cabe a nós filtrarmos esses dados, utilizando dos mais brandos entre os pessimistas e dos menos exagerados dentre os otimistas.

Thomas Robert Malthus, demógrafo e pastor anglicano, posteriormente consagrado economista e criticado pela sua visão pessimista ao propor um modelo matemático para previsão do crescimento demográfico, já em 1798 alertava para os perigos da disparidade entre o aumento exponencial da população e o aumento aritmético da produção de alimentos, antevendo um futuro catastrófico para os trabalhadores ingleses pela escassez de alimentos. Este estudo foi publicado, em sua primeira edição, anonimamente com o título *An Essay on the Principle of Population as it Affects the Future Improvement of Society, with Remarks on the Speculation of Mr. Godwin, Mr. Condorcet, and Other Writers* entre outras publicações com o teor semelhante como *Population: The First Essay* em 1959.

Os estudos de Malthus mostraram-se equivocados com o passar dos anos, pois sua teoria desconsiderou uma série de variáveis como a tecnologia de produção de alimentos e foi muito criticada por ser tendenciosa e discriminatória. Errou em ambos os lados, tanto na previsão do crescimento da população baseando-se em estimativas americanas quanto na previsão da capacidade de produção de alimentos na Inglaterra pela desconsideração do impacto da evolução tecnológica.

Em contraponto trazemos à luz, a partir da mitologia grega, a Cornucópia. A cornucópia era representada por um chifre, um corno de onde saíam frutas e alimentos (imagem da esquerda). Este vaso em forma de chifre pode ser visto sustentado por diversos deuses como Têmis, uma das imagens que representa a justiça (figura da direita). Traz a simbologia com o significado de fartura, de abundância e teve sua origem estabelecida por duas histórias.

Nas versões destas histórias, associadas ao nascimento do deus grego Zeus, sempre surge uma cabra que ou alimenta o menino ou seu chifre serve de local para depósito de frutas e flores para saciar a fome do infante. A mãe de Zeus, Réia, pra escondê-lo da voracidade de Cronos seu pai, deixa o bebê aos cuidados de outros que utilizam dos serviços da cabra de uma forma ou de outra. Também denominado de chifre de Amaltea ou Amalthea (nome da Deusa dona da cabra ou nome da própria cabra, conforme a versão da história) o artefato passou a representar uma fonte inesgotável de recursos.

Do mito surge o símbolo, que dá nome para um grupo de pesquisadores que acredita na ciência, na tecnologia e na capacidade do ser humano em superar as restrições impostas pela natureza, numa visão sempre positiva e extremamente otimista – os cornucopianos – dentro da visão da tecnocracia. Fazem parte deste grupo pesquisadores que negam a existência da crise ambiental e dos limites para o crescimento (a exemplo de Adam Smith no clássico *A Riqueza das Nações*).



O fato é que, como pesquisadores da Ciência da Sustentabilidade temos que equilibrar as visões pessimistas e otimistas, variáveis quantitativas e qualitativas, a complexidade e o reducionismo, o global e o local,

cuidando para não sobrepor realidades distintas na busca obstinada por dados e resultados, generalizando o que é específico ou especificando o que é geral.

Aprendemos na academia a trabalhar com variáveis quantitativas e qualitativas. Durante muito tempo os trabalhos de engenharia praticamente ignoraram as variáveis qualitativas. Por outro lado, em trabalhos de arquitetura e design relegaram as variáveis quantitativas a um segundo plano. À medida que as questões referentes à sustentabilidade, especialmente suas conhecidas três dimensões (econômica, social e ambiental) passam a ser objeto de pesquisa, percebe-se a necessidade do equilíbrio e as pesquisas na área passam a considerar as variáveis quantitativas e qualitativas na busca de resultados representativos e repletos de significados.

No entanto a estatística continua sendo uma ciência que exige responsabilidade. Seus resultados podem ser manipulados: 20% de melhoria ambiental em uma região de 100.000 habitantes podem parecer fantásticos para o grande público, e podem ser usados, por exemplo, para esconder 0,5% de aumento na poluição em uma região de 10 milhões de pessoas.

Os artigos desta edição foram apresentados em um evento de sustentabilidade. A importância destes eventos cresce a cada dia, pois somente com a troca de conhecimentos e ajuda mútua conseguiremos dar a resposta de que nossos problemas exigem. O que podemos fazer, do ponto de vista ambiental, com uma cadeira, uma edificação, uma ponte ou um carro quando sua vida útil termina? E o que fazer para que a vida útil do planeta não termine?

As respostas usuais como reciclagem, reaproveitamento, reuso, entre outras, não são mais novidade. Essas ações são, obviamente, importantes e necessárias, e fazem parte da política de melhoria contínua que já há algum tempo foi incorporada em toda ação humana de sucesso. Entretanto estas ações estão sendo adotadas como paliativas, apenas retardando o resultado final. O crescimento demográfico, a urbanização acelerada, desmatamento, poluição do mar, do solo, do ar, as alterações globais de nosso clima, a necessidade crescente de geração de energia, da produção de alimentos, de moradia, vestuário, utensílios, entre outros, são problemas que devem ser resolvidos em sua origem, ou seja, no projeto.

É por isso que a Mix Sustentável tem esse foco. Da mesma forma pode-se citar o evento ENSUS, que foi precursor da revista. Ambos, evento e revista, são ações inovadoras, que objetam preencher uma lacuna existente entre os periódicos e eventos, proporcionando um espaço para discussão do tema sustentabilidade tendo por foco principal o projeto.

Ao explicar isso, muitas vezes percebemos que pouco ainda pode ser feito sobre o tema “sustentabilidade” no que se refere ao paradoxo complexidade versus reducionismo. Não há nos dias de hoje como separar a questão ambiental, social e econômica da projetual. No momento em que se está projetando, invariavelmente está-se projetando também o tanto de energia que será gasto, a quantidade de subprodutos que serão gerados, as implicações sociais e financeiras nas regiões onde serão extraídas as matérias-primas para a fabricação, bem como nas regiões onde os produtos serão comercializados.

Nesta edição um amplo espectro de artigos que demonstram bem este paradoxo com sua diversidade de temas: economia distribuída, biomimética, construção com terra, uso da água, reciclagem, corantes naturais, aprendizagem colaborativa, cooperativismo, estratégias de motivação para a sustentabilidade, sistemas produto-serviços, design de moda sustentável e inovação social.

Uma leitura atenta aos artigos desta edição chancela isso, onde se percebe a diversidade dos temas, de regiões geográficas e de formação dos pesquisadores aqui reunidos. Desejamos uma boa leitura.

Lisiane Ilha Librelotto e Paulo César Ferroli